

Mônada Aberta Verticalidade e Horizontalidade no Jornalismo na Web¹

Carlos Pernisa Júnior²
Wedencley Alves³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente texto, a partir de aportes da teoria do discurso associada a estudos do jornalismo, traz contribuições para uma conceituação da notícia diante de novas questões postas pelo surgimento da rede, levando em consideração sua relação com o suporte, com a mídia e mudanças no modo de constituição de sua textualidade. Consideram-se também aqui as implicações sobre as práticas de escrita e leitura que as novas condições de produção fazem emergir. Para isso, propomos dois conceitos operacionais, quais sejam, o de mônada aberta e horizontalidade.

Palavras-chaves: Mônada aberta; horizontalidade; notícia.

Introdução

Compreender como se constituem as textualidades de mídia e, em especial, e razão deste artigo, o texto jornalístico noticioso na web é antes levar em consideração o espaço que ele ocupa e a relação deste espaço com a sua própria estruturação. Ao longo da moderna história da imprensa, os suportes, suas condições de produção, a diversidade de meios, e a forma como se conectavam, foram fundamentais para a caracterização da notícia e a constituição de suas propriedades.

Não faltam exemplos na história da imprensa: o surgimento da “news” americana, a partir da *penny press*, por exemplo, tem a ver com estratégias de mercado, e subsequentemente com os novos formatos de jornais, que pretendiam alcançar um público mais extenso, e menos abastado; a invenção do lead, da mesma forma, tem a ver com a propensão das agências internacionais a sintetizar o texto, numa clara atitude de economia de gastos ante a nova tecnologia de telégrafo sem fio; o apelo à “objetividade” deve-se a aspectos ideológicos, mas também às necessidades de gestão

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, DT 1 – Jornalismo, do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e professor associado do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: carlos.pernisa@ufjf.edu.br.

³ Doutor em Linguística pela Unicamp/SP e professor visitante do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: wedenn@yahoo.com.br.

do espaço da notícia pela indústria jornalística; a textualidade jornalística nos impressos, durante os anos de 1980, sofreu profundas transformações, dada a influência dos meios visuais, e o surgimento de uma nova demanda cultural por uma leitura que acompanhasse mais ilustrações, mais gráficos, mais cores; o aparecimento de boa parte dos jornais de consumo instantâneo, principalmente de apelo popular, hoje, tem a ver com o crescimento da web como meio de referência para os leitores.

Seja pelo diálogo que se estabelece contiguamente entre as mídias, influenciando-se mutuamente em relação à estrutura de suas textualidades; seja pelo fato de que os próprios suportes demandam mudanças contínuas nas rotinas de produção e nas estratégias do leitor, não há como negar que pensar os suportes, as mídias e sua relação com a constituição das textualidades é um viés importante de pesquisa.

No caso específico do texto na web, as discussões são variadas e ainda causam dúvidas para quem se dedica a fazer jornalismo na grande rede de computadores. Há posições que levam em conta a sua relação com o jornal impresso e outras que se debruçam somente sobre as características do meio. Propomos aqui, no entanto, uma abordagem que parte tanto da observação de como o texto jornalístico está sendo tratado na web, como da tentativa de compreensão das implicações de seu uso no cenário da imprensa em geral.

1. Alguns conceitos: suporte, mídia e materialidade significativa

Para compreender as diferenças editoriais e discursivas entre o texto jornalístico informativo produzido para a web e aquele produzido para a mídia impressa, precisamos examinar alguns conceitos que nos ajudarão a analisá-las. Elencamos pelo menos três, extraídos de quadros teóricos das ciências da linguagem, da comunicação e do jornalismo: suporte, mídia ou veículo e materialidade significativa. Alinhando estes conceitos, pretendemos defender as teses de que a notícia na web pode ser produzida, funcionar e dar-se à leitura como uma mônada aberta, metáfora que nos ajudará a entender a textualidade jornalística própria deste meio, e que sua propriedade intertextual é a da horizontalidade, o que a diferencia da notícia impressa.

Distinguímos *materialidade significativa* de mídia e de suporte⁴. O suporte é a materialidade física sobre a qual tem lugar qualquer efeito de textualização. A tela sobre o qual se dá o acontecimento da pintura ou do desenho é um suporte, evidentemente, já de antemão trazendo limites, condições de realização possíveis para o artista. O écran e a tela da tevê, da mesma forma, com suas possibilidades, limites e condições materiais, também são exemplos do que seja um suporte.

Reservamos o nome de mídia para veículos de comunicação e de informação. *Meios*, no sentido original, o termo *mídia*⁵ passou da designação mais comum durante o século XX, de meios de comunicação, jornal e revista, por exemplo, para qualquer veículo ou condutor de comunicação e informação ou ainda dispositivo de estocagem de dados, mesmo que seja um simples CD-ROM ou um *pen drive*. No nosso estudo, no entanto, limitamo-nos a equiparar meios ou mídia e veículos⁶.

Ora, percebe-se pelo que se disse mais acima que o jornal pode ser visto como suporte e como mídia, dependendo da função que ele assuma. Do ponto de vista de sua materialidade, como suporte, ele difere da revista, por exemplo, pela aspereza do seu papel⁷, o que implica em limitações de textura para a publicação de fotos; pelo formato e tamanho, pela maleabilidade e, principalmente, pelas limitações e possibilidades dadas à leitura. Pode variar entre o formato *standard* ou o tablóide, ainda como exemplo, o que implicará mudanças nas rotinas produtivas – menor ou maior número de reportagens longas, menor ou maior número de fotografias; mudanças na disposição dos títulos etc.

Como mídia, porém, ele se caracterizou por ser primeiramente, desde a década de 1830, nos EUA, e de meados do século passado, no Brasil, um veículo informativo,

⁴ O caso da fotografia mostra que estes conceitos podem coincidir pelo menos aos pares: a fotografia é um suporte, do ponto de vista material, e é uma materialidade significativa, do ponto de vista da constituição da sua linguagem. O termo tem a ver com a própria noção de significativo em SAUSSURE (2006), só que desdobrado. Sobre diferenças entre a materialidade significativa da fotografia e do texto, em trabalho recente, consultar ZEN, Tânia, *A construção do sujeito leitor na crônica fotográfica*, tese de doutorado defendida na Unicamp, 2007. Numa outra perspectiva, mas sem dúvida clássica, ver os estudos semiológicos de Barthes sobre fotografia (2000), sistema da moda (1999), culinária (1996), etc., que embora sustentada sob outra terminologia, dá conta em parte do que denominamos *materialidade significativa*.

⁵ O histórico do termo já é quase de domínio público: mídia é um homófono para “média” de língua inglesa, que por sua vez remete ao próprio termo latino para significar “meios”.

⁶ O caso do CD-ROM pode dar o que pensar: é uma mídia do ponto de vista da estocagem de informação, mas recentemente boa parte dos anais de congressos vem sendo disponibilizada nesta mídia *offline*, levando-o a ser tanto mídia no sentido de dispositivo de arquivo, quanto no sentido de veículo de comunicação, visto que, no caso citado, ele, o CD-ROM, são os próprios anais.

⁷ Evidentemente, um jornal em papel couché e de formato menor vai ser interpretado sempre como uma revista, mesmo que por ventura fosse claramente noticioso. Há muitos produtos híbridos no mercado, sem dúvida, mas as caracterizações aqui não precisam ir tão amiúde nestas distinções.

que abriga anúncios publicitários, ao contrário, por exemplo, do cinema, que, ao longo da história, se caracterizou por ser um veículo de realização estética. A priori, poderíamos imaginar que nada impede que o suporte jornal fosse, se a história assim quisesse, um veículo de comunicação e realização estética. Ou seja, seria possível imaginar o mesmo suporte constituindo-se como uma mídia distinta. Da mesma forma, nada impediria que a tela do cinema – como suporte – pudesse também materializar e abrigar reportagens, aliás, como já o fez em iniciativas nacionais, como a do Canal 100⁸.

O que denominamos como *materialidade significativa* não se confunde com o suporte – a materialidade física – nem com mídia – a função de comunicação e informação constituída historicamente. É antes já um efeito de textualização, visto sob o ponto de vista de suas propriedades de linguagem.

Embora nosso objeto seja eminentemente jornalístico, não precisamos nos furtar em trazer outros exemplos que ajudem a compreensão destas distinções. Observemos o caso de um filme, que pode ser visto no cinema, na tevê ou na tela do computador; ele pode ser assistido em três suportes distintos, se considerarmos que são de alguma maneira materialidades físicas distintas; ele pode ser veiculado em três mídias possíveis, se olharmos para suas funções comunicacionais; mas este mesmo filme tem uma só materialidade significativa, visto que a linguagem fílmica ganhou uma tessitura específica naquele produto visto em qualquer das três telas.

Da mesma forma, salvo edições especiais e adaptadas a cada uma das exibições, a materialidade significativa servirá como base enunciativa de efeitos de sentidos e discursos sociais, será reconhecível por atender a uma série temática e um modo de construção já cristalizado na história, o gênero, e tudo isso junto será propriamente o que chamamos de *filme*. Parece-nos que, no entanto, uma questão insiste e precisa ser respondida: salvo a possibilidade da edição comentada mais acima, a mesma materialidade significativa sobre um suporte distinto será lida de modo distinto, evocará sentidos outros que não aqueles já apreendidos em sua exibição primeira?

A pergunta merece algumas abstrações de variáveis. Supomos que seja o mesmo filme feito para cinema, exibido ao mesmo tempo na web ou, por exemplo, a partir de

⁸ É preciso sempre desconstruir qualquer determinismo de suporte: o cinejornalismo, ao estilo reportagem, não progrediu por questões históricas, e não por questões eminentemente materiais. Por outro lado, contudo, se o documentário jornalístico tomou o seu lugar é porque talvez os autores souberam melhor constituir uma materialidade significativa, cujo apelo na tela do cinema parece ter tido maior poder de atração. Ou seja: se por um lado não se pode cair num determinismo do suporte; por outro, não se pode negar que as interpretações sociais em que ele está inserido podem estabelecer limites e possibilidades.

um DVD. Ora, do ponto de vista da materialidade significativa pode-se dizer que não há variância, mas do ponto de vista dos sentidos que atravessam esta materialidade, é evidente que algo não permanece idêntico, pelo simples fato de que é projetada sobre o filme toda uma série de significações sociais depositada sobre a mídia e o suporte. Assistir ao filme em casa, na tela da tevê, adiciona uma familiaridade e uma intimidade que a sala do cinema não permite, nem que esteja na sessão somente uma determinada família, sem estranhos, a mesma que alugou o DVD daquele mesmo filme, por gostar demais da obra.

O cuidado que se deve ter é não confundir o caso acima com o fato de que efetivamente há uma outra materialidade significativa se a mesma história foi contada num outro filme produzido para a tevê. Isto tem a ver com o fato de que o autor, devido ao suporte e à mídia, poderá usar ou pensar recursos distintos daqueles que por acaso utilizaria num filme para o cinema. Nossa inquirição ganha um pouco mais de complexidade se considerarmos o fato de que, hoje, os autores sabem perfeitamente que o filme não se deterá no cinema. É bem possível que, antecipando-se, já incorporem à sua produção características próprias também da web ou da tevê.

Voltando para o exemplo do jornal, é possível que esta mesma “antecipação” esteja ocorrendo. Um jornalista atento, em nome da sinergia, e da convergência, talvez já escreva matérias para o jornal, sabendo que elas poderão não somente transitar entre jornais da mesma empresa, como também poderão ser migradas para a edição digital do(s) mesmo(s) jornal(is), ou quem sabe reeditada para o portal.

Portanto, uma materialidade significativa não é diversa por mudanças no suporte ou na mídia, mas pode ser e é diversa porque foi produzida sob as condições do suporte e propriedades da mídia. Ainda assim, podemos imaginar que um texto produzido para o jornal impresso, quando migrado para a versão digital daquele mesmo jornal, terá mudado de suporte, será veiculado em outra mídia, mas se constituirá ainda como a mesma materialidade significativa. Embora, pelos dois primeiros motivos, exerçam sobre a escrita e a leitura, pressões que o levarão a sustentar outro efeito-leitor⁹.

Por efeito-leitor, um conceito que terá um papel apenas coadjuvante neste estudo, mas que deve ser explicitado, compreendemos a construção do leitor, uma

⁹ Entendemos aqui “pressões sobre a escrita” a constituição de uma outra função-autor, o que estabelece outras estratégias de estabilização de sentido, tendo em vista que o escrever é um acontecimento dialógico, onde o leitor já está virtualmente previsto – daí o termo efeito-leitor. Para melhor compreensão destes termos próprios à análise do discurso, recomendamos ORLANDI (1999).

imagem ideal, efetuada na própria produção simbólica. Evidentemente, o leitor real, nem sempre corresponde, termo a termo, ao leitor imaginado na produção textual, visual, corporal etc., mas esta antecipação – projeção imaginária – não somente é constitutiva do ato de escrever, mostrar ou atuar, como também tem efeitos evidentes sobre o próprio leitor.

Quando dizemos que o fato de saber que o seu escrito será levado também para a versão digital implica em mudanças no efeito-leitor, é porque o jornalista sabe que terá leitores além daqueles característicos da versão impressa. Saberá ainda que seu texto será recortado e colado em outras mídias, como *blogs*, *e-mails* etc. Saberá, enfim, que o arquivo do jornal não será mais o único arquivo; a memória constituída pelo jornal deverá passar por reconstituições constantes, se constantes forem as republicações do seu texto.

Não há como imaginar hoje que um jornalista não preveja estas variâncias na forma efetiva de recepção do seu texto. Suas estratégias textuais, suas formas de antecipação argumentativa – ainda que numa notícia – apontarão para um diálogo mudo com outros leitores que não só os do jornal.

Como dito mais acima, o fato de uma mesma materialidade significativa – neste caso uma notícia de jornal do ponto de vista da sua linguagem – poder ser realizada em suportes e em mídias distintas, sem, na inexistência de nova edição, alterar suas propriedades básicas, não implica que os sentidos atribuídos na sua leitura sejam os mesmos. A variância é reconhecidamente parcial aí. Entretanto, ainda que seja parcial, pode-se imaginar, justamente pelo fato de que sentidos distintos podem atravessar a leitura da notícia, em função de seu suporte ou da mídia por onde ela é veiculada, que a mesma materialidade significativa pode configurar distintas textualidades.

Uma textualidade pode ser definida como uma materialidade significativa capaz de ser interpretada por pelo menos um leitor. Uma sinalização enigmática deixada por algum povo desaparecido da Terra, cujos traços são indecifráveis para o arcabouço de conhecimento atual, pode ser percebida como querendo dizer algo, e por isso constituir-se como materialidade significativa, mas ainda que se imagine que deve ter sido

atravessada por sentidos compreendidos na antiga sociedade, ela não se constitui, pelo menos para o leitor atual, uma textualidade¹⁰.

Portanto, a textualidade deixa de ser um atributo exclusivo da materialidade significativa para ser uma função da relação de sentido em que ela está inserida. A textualidade é estrutura significativa e é também e necessariamente acontecimento enunciativo, efetivo, e atualizado por sujeitos na história. As relações de sentido, ou relações discursivas, são fundamentais para que a propriedade da textualidade seja reconhecível em alguma materialidade significativa.

Subsume-se neste momento, e por dedução do leitor em relação ao que se argumentou até agora, que em nenhum momento tomou-se texto como sinônimo de textualidade. O texto é um produto, da mesma forma que um gestual, ou ainda uma imagem; a textualidade é uma propriedade, portanto uma qualidade passível de ser estendida a outras materialidades significantes, que não a constituída lingüisticamente.

Acreditamos que isso resolva de certa forma um problema que é o abuso conceitual de se denominar texto não somente o produto lingüístico, mas uma imagem, um diagrama, um escritura na caverna, um conjunto de gestos do bailarino ou mesmo uma cidade inteira. Ora, em todos estes casos podemos ter textualidades, evidentemente, mas dizer que são textos pode confundir mais do que esclarecer teoricamente o que queremos dizer. Daí que, com esta diferenciação, podemos dizer que uma coisa é o intertexto, a relação entre textos, e outra é a intertextualidade, a relação entre textualidades semelhantes ou distintas: texto e texto, texto e imagem, imagem e corporeidade etc.

Diante destas observações preliminares, podemos pensar a diferença do texto jornalístico noticioso na web e no jornal, levando em consideração questões de suporte, de mídia, e de textualização.

2. O texto noticioso na web e no jornal gráfico

Para iniciar, o texto jornalístico na web não é o mesmo do jornal impresso. Suas características estão vinculadas à especificidade de seu suporte – num caso, o papel,

¹⁰ Há uma diferença relevante entre textualidade para as teorias do texto e para as teorias do discurso. No primeiro caso, tende-se a uma definição mais imanente, caracterizada pela compreensão de mecanismos e dispositivos propriamente textuais. No segundo, considera-se que a textualidade se realiza na medida em que podem ser identificados sentidos sociais, ou seja, discursos, ali materializados. Portanto, mesmo um texto com forte apelo de nonsense, pouco coeso, e de coerência duvidosa, “se diz alguma coisa” e pode ser interpretado, constitui uma textualidade.

palpável; noutro, o fato de ser um meio eletrônico; diferenças que impõem distintos rituais de manipulação e de manuseio, condicionante não somente dos modos de leitura com também levando o processo de produção a antecipações próprias – e às especificidades do seu meio, com a possibilidade de relação explícita com outros textos, o que se dá pelo que se convencionou chamar de hipertextualidade¹¹, além de estar em contato direto com elementos de som e imagem incomuns ao veículo impresso. Só estes dois fatores seriam suficientes para perceber que não dá para tratar os dois tipos de texto da mesma forma.

Em relação ao espaço que ocupa, o texto jornalístico do veículo impresso está preso a um suporte que não permite a modificação após a publicação e, muito menos, qualquer atualização com informações novas que por eventualidade surjam no processo de cobertura jornalística. Ainda referindo-nos ao suporte, o texto gráfico do jornalismo impresso tem um limite espacial da página – ou das páginas – onde está inserido. É um texto que se relaciona com imagens estáticas – fotográficas ou de ilustrações, contando também aí os gráficos. Sua formatação leva em conta uma tipologia – geralmente fixa – determinada por cada veículo. Todas estas características têm forte ligação com o modo de diagramação do meio impresso e determinam a visualidade que vai chegar a seus leitores.

De forma distinta, e ainda tratando de espaço, no meio digital da interface gráfica da web, o texto adquire outras possibilidades de produção e leitura. A possibilidade de se fazer ligações entre os documentos na web apresenta novas configurações. Isso sem contar com a união entre textos, sons e imagens – estáticas e em movimento. Uma matéria pode ser relacionada diretamente a outra, evidenciando sua intertextualidade. O espaço da web pode abrigar múltiplas textualidades, em diversidade bem maior do que o espaço gráfico: texto escrito, imagens estáticas e em movimento e também sonoridades.

O novo suporte permite que uma matéria possa ser alterada, com novas informações em segundos; possa ser rediagramada a qualquer momento no espaço da

¹¹ Então diferenciaremos hipertextualidade de intertextualidade da seguinte forma: por intertextualidade, compreendemos a relação entre textualidades nem sempre explícitas: ao ler um editorial, remetemos enquanto leitores atentos, à notícia publicada, por exemplo, na TV na noite anterior, embora o editorialista não tenha feito nenhuma remissão explícita ao noticiário; a web vem “desvendar” este processo, através dos links: as remissões são materializadas e evidenciadas na escritura, deixam de ser um contrato tácito entre leitor e escritor. Ou seja: a hipertextualidade é uma modalidade de intertextualidade específica da web, embora não a única, já que também nesta mídia teremos as relações implícitas, dialógicas, as citações etc.

tela; ligada a outros documentos, sejam eles apenas textuais ou não ou de fontes documentais diversas, além do próprio site ou endereço – URL – onde ela está inserida na web. Além das características do suporte, temos a própria historicidade de cada mídia que acaba levando web e jornal para desenvolvimentos distintos em sua função de comunicação, sendo a interatividade o quesito de maior distância entre os dois.

Para distinguir o texto da web do texto do jornal impresso, e em particular o texto noticioso nestes dois meios, devemos levar em consideração estes três aspectos: o suporte, a mídia e materialidades significantes constituindo textualidades distintas, o que significa novas práticas de leitura e escrita, nova função autor e novos efeitos-leitor.

No veículo impresso, há modelos que se constituíram ao longo do tempo e que se consagraram na formatação do gênero notícia. A disposição das informações numa hierarquia de valor (importância, relevância, impacto, proximidade etc), a chamada pirâmide invertida, é um modelo que funciona bem para a limitação de espaços do suporte gráfico, pela constituição do jornal como veículo informativo-noticioso. Mas é discutível a validade deste modelo para a web.

Um jornal na WWW não é um jornal em papel visto numa tela. Ele tem que ser mais: oferecer “links”, propor leituras não lineares, tornar disponíveis arquivos, estimular a participação do público, embutir recursos como sons e imagens fixas e animadas, etc. Não se trata mais de “um jornal”, como papel de embrulhar peixe, mas de uma outra mídia, de natureza hipertextual (LEMOS, 2001 apud PICCININ, 2001).

Deste modo, nem tudo que funciona bem no veículo impresso funcionará da mesma forma para o ambiente da web. O modelo de pirâmide invertida, associado ao lead, seria um exemplo, apesar de haver quem defenda o seu uso também no jornalismo em rede, como, por exemplo, Pollyana Ferrari:

Outro conceito tradicional do jornalismo que não pode ser esquecido na web – ao contrário, deve ganhar força – é o lead. Ao escrever *on-line*, é essencial dizer ao leitor de forma rápida qual é a notícia e por que ele deve continuar lendo aquele texto – daí a importância de recorrer à velha fórmula “quem fez o quê, quando, onde e por quê” (FERRARI, 2004, p. 49).

Pode-se apontar para a importância da horizontalidade, ao invés da verticalidade da pirâmide invertida, como faz João Canavilhas, em seu estudo sobre a *pirâmide deitada* (2005). Assim, para ele, a matéria seria desdobrada em várias partes, com cada

uma contendo determinado assunto e tudo funcionaria como nas retrancas de um jornal impresso. Isso, porém, não resolve o problema. O texto na web não segue a lógica do impresso, mesmo quando há a aproximação com ele. Um exemplo é o que acontece quando se faz uma busca num jornal *on-line*. Nada garante que a palavra ou expressão escolhida vá me levar diretamente ao que poderia ser chamado de matéria principal e não a alguma de sua(s) “retranca(s)”. No caso de um encaminhamento para uma “página secundária”, poderia haver alguma dificuldade em se entender do que se trata a notícia ou reportagem.

Para tentar contornar este tipo de problema, poder-se-ia idealizar alguma determinação na própria estrutura do *site* da web de endereçamento direto sempre para a página dita principal da matéria. O problema é que não há como sempre fazer isso em *sites* de busca, que trabalham com palavras-chave, principalmente para jornalistas que não trabalham com os códigos e linguagens do hipertexto. Surge aí a possibilidade de se pensar num conceito distinto, que não seja apenas uma adequação de conceitos já aplicados à compreensão da notícia gráfica: propomos então o termo “mônada aberta”, metáfora com valor heurístico, para compreender o funcionamento da textualidade noticiosa na web.

3. Mônada aberta e horizontalidade

O que seria a mônada aberta? Em primeiro lugar, o termo já foi utilizado em outros campos, como a filosofia, mas seu uso no jornalismo digital tem um sentido estrito. A idéia de mônada remete a autores como Giordano Bruno e Leibniz, e neles significa algo uno e indivisível. Geralmente, ela é tratada como uma estrutura fechada, mas o que se propõe aqui é a possibilidade de uma mônada se ligar a outras.

Por meio de *links* na web, uma matéria em forma de *mônada aberta* poderia se ligar a outras, gerando uma estrutura, uma textualidade composta. No entanto, como mônada, cada uma destas matérias não poderia simplesmente depender de todas as outras às quais se liga, para que possa ser entendida. Já aí estamos diante de uma primeira diferença em relação ao jornal impresso: a disposição das matérias de jornais, seja notícia, seja reportagem, faz com que cada texto remeta a outro de maneira hierárquica. Retrancas e boxes, por exemplo, estão associadas necessariamente ao “corpo” da matéria, e a ele se vinculam por subordinação.

O que se quer dizer é que, na web, cada matéria, não mais vista como simplesmente uma retranca de uma outra, dita a principal, deve conter em si uma quantidade de informação clara e conclusiva, mas também pode se ligar a outras, que seriam também, de certa forma, integrais. Ou seja: são unas, não compostas por outros textos, não dependentes de outros textos para serem compreendidas, mas não excluem a possibilidade de o leitor tecer com ela, vinculando-a a outra, igualmente clara e conclusiva, uma outra totalidade.

É evidente que a produção de sentidos própria à prática da leitura vai se acomodando à medida que o leitor decida agregar outros textos afins ao primeiro; é lógico que o processo de associação de novos textos feita pelo leitor vai produzir efeitos de ressignificação importantes, mas a decisão, como dito acima, é dele.

Os percursos de sentido, na web, acabam por serem trabalhados de maneira um pouco mais autônoma pelo leitor, embora os próprios editores, numa tentativa de estabilização dos sentidos, possam indicar a ordem dos *links*. Mas um leitor crítico saberá que esta prática, herdada da tradição gráfica, não é – por não poder ser – impositiva.

Propõe-se, então, aqui um novo modo de compreender o que vem sendo estabelecido como o texto noticioso na web, suas possibilidades e limites. A simples transposição de modelos explicativos do texto jornalístico impresso soará falsa, se não levarmos em consideração que a constituição da textualidade na web, graças às novas materialidades significantes que nela têm lugar, graças às novas propriedades da sua função como veículo de informação, graças às possibilidades abertas pelo novo suporte, é radicalmente diversa.

O fato de que a notícia na web realiza-se num suporte que permite a interrelação de textualidades distintas – textos, imagens estáticas e em movimentos, sonoridades etc – e por meio de um veículo que vem se caracterizando por permitir importantes práticas de interatividade, faz com que seja um desafio interessante construir modelos de compreensão de sua materialidade significativa; modelos que devem ser tão distintos dos anteriores, aplicados à notícia impressa, como são distintos os próprios modos de realização da notícia na web em relação à antecedente.

Como resposta a este desafio, vemos a propriedade da horizontalidade como marcante daquele veículo, e a característica de mônada aberta como paradigmática para

compreensão do gênero notícia na rede; horizontalidade que significa a ausência de uma hierarquização tão acentuada como no jornalismo impresso; mônada aberta que remete ao fato de que, na web, cada uma das matérias teria sua integralidade, mas que se relacionaria com outras, em relação de igualdade e de suplementação¹².

Unidades de informação se interligariam, mas sem constituir relações de subordinação entre elas, o que é diferente do modelo heurístico de “pirâmide deitada”, de Canavilhas.

Esta compreensão teórica do modelo que vai surgindo na web não está dissociada de uma relação propedêutica com o fazer jornalístico, visto que a percepção de uma nova operacionalidade da escrita e da leitura nem sempre é compartilhada por todos os profissionais envolvidos com a construção do texto jornalístico na rede. Isso porque está longe do final o processo de sua consolidação – ou seja, o percurso que vai da fase inicial de transposição pura e simples do texto jornalístico impresso até sua constituição como texto autônomo e típico da rede.

Um exemplo é que ainda não se percebeu totalmente que na web as informações relevantes deveriam ser utilizadas em todas as matérias que tratassem de determinado assunto, só que em escalas diferenciadas e remetendo umas às outras, sem que uma tenha que, necessariamente, repetir as outras. Na prática jornalística dos impressos, qualquer grau de redundância é vista quase como um tabu. Segundo Luciana Mielniczuk, “[...] o uso do *link* na narrativa jornalística [deveria contemplar] a fragmentação do texto em células informativas [...]” (MIELNICZUK, 2004, p. 8). Mas estas células não são absolutamente estanques umas em relação às outras.

Ou seja, de alguma forma, prevê-se uma coordenação, mais que uma subordinação, entre os textos noticiosos¹³. Mas, por isso mesmo, a relação puramente estanque resultaria no desperdício do principal mecanismo de intertextualidade da web, enquanto suporte: a hipertextualidade. Esta “sintaxe por coordenação” não pode ser confundida como uma suposta “parataxe”, usando termos próprios da lingüística e, por isso mesmo, com certo cuidado em aproximá-los das materialidades próprias da mídia. e das exigências de uma teoria do jornalismo. A parataxe seria a justaposição de elementos

¹² Parece-nos que a relação dos textos constitutivos da notícia e da reportagem nos jornais é de subordinação e complementação; enquanto na web é de coordenação e suplementação. Isso tem a ver com uma nova sintaxe, que inaugura radicalmente novas possibilidades de leitura. Podemos ir além e trazer duas questões que estão subentendidas no decorrer desta argumentação: de que forma esta nova leitura significa um novo leitor; de que forma este novo leitor trará exigências outras sobre a notícia impressa?

¹³ Ver nota anterior.

sintagmáticos, com as conexões mais subentendidas do que materializadas textualmente. Não é isso que vemos na web. A hipertextualidade evidencia a relação “sintática” entre os textos, enfatizando a concatenação entre eles. Daí que o conceito de mônada aberta não vai indicar que a horizontalidade, embora marcante, seja a única possibilidade textual da web. Internamente a cada uma das matérias, pode-se elencar o que é mais importante e determinar sua posição em termos hierárquicos na construção do texto, o que traz uma certa verticalidade na construção do texto, ainda que radicalmente distinta da realidade dos impressos.

Além da compreensão da textualidade jornalística que vem se constituindo na web, e das possibilidades propedêuticas de sua aplicação, principalmente como proposta de reflexão para alunos de jornalismo, defendemos a hipótese de que os conceitos de horizontalidade e de mônadas abertas podem indicar potencialidades existentes na própria realidade da rede, como a possibilidade do leitor reconstituir a textualidade da notícia publicada, associando o texto básico e os *links* recomendados a dispositivos suplementares de meta-mídias, como *mashups*, *newsgames*, mapas, arquivos abertos de vídeos como o *youtube* etc.

Considerações finais

Isso nos remete a uma questão bem mais complexa do que a simples detecção da hipertextualidade como possibilidade do suporte, e da interatividade, como propriedade do veículo. Isso remete à reconfiguração das funções de autoria e dos efeitos de leitura. Uma característica bem típica do meio impresso é sua clara distinção entre quem produz o texto e quem lê. Evidentemente que estamos aqui desconsiderando as práticas de retextualização, como, por exemplo, aquelas praticadas em sala de aula como exercícios de redação. A questão aqui tem efeitos bem mais instigantes: um leitor pode receber do portal de informação uma notícia e associar a ela novos *links*, pode inclusive agregar as suplementações de dispositivos de meta-mídias citadas acima e com isso constituir uma outra textualidade e devolvê-la à rede, gerando novas leituras do material original por outros leitores. Nada impede ainda que esta nova textualidade tenha um efeito de desconstrução sobre a matéria original. Isto de certa forma já está acontecendo. Mas seus desdobramentos ainda não estão muito claros.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. 2 ed. *Diccionario de filosofia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ARNT, Hérís. Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador, BA. *Anais eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP2A_RNT.pdf. Acesso em: 14 jun. 2009.

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *O Sistema da Moda*. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CANAVILHAS, João. *Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*, 2005. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

FERRARI, Pollyana. 2 ed. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

MIELNICZUK, Luciana Pellin. “Webjornalismo de Terceira Geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web”. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre, RS. *Anais eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0816-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2009.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso, Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PICCININ, Fabiana. O texto jornalístico on-line: um estudo sobre a linguagem da notícia na Internet. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2001, Campo Grande, MS. *Anais eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM, 2001. Comunicação coordenada. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2PICCININ.PDF>. Acesso em: 20 jan. 2007.

QUADROS, Claudia Irene de. Uma breve visão histórica do jornalismo on-line. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador, BA. *Anais eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP2Q_UADROS.pdf. Acesso em: 14 jun. 2009.

_____. Dez Anos Depois do *Boom* dos Diários Digitais. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* São Paulo: INTERCOM, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0507-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2009.

SHUDSON, Michael. *Discovering the News. A Social History of American Newspapers*. EUA: Basic Books, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZEN, Tânia, *A construção do sujeito leitor na crônica fotográfica*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2007